



ISSN: 2595-1661

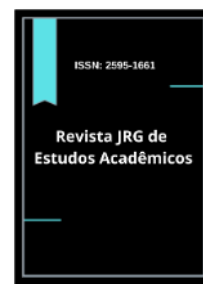
ARTIGO

Listas de conteúdos disponíveis em [Portal de Periódicos CAPES](https://portaldeperiodicos.capes.gov.br)

Revista JRG de Estudos Acadêmicos

Página da revista:

<https://revistajrg.com/index.php/jrg>



Entre o Inconsciente e o Protocolo: um estudo de caso dos desafios da prática psicanalítica em um serviço escola de Psicologia

Between the Unconscious and Institutional Protocols: A Case Study on the Challenges of Psychoanalytic Practice in a University Psychology Training Clinic

DOI: 10.55892/jrg.v8i19.2407

ARK: 57118/JRG.v8i19.2407

Recebido: 21/08/2025 | Aceito: 27/08/2025 | Publicado on-line: 28/08/2025

Francelino Eleutério da Silva Júnior¹

<https://orcid.org/0009-0000-3837-4727>

<https://lattes.cnpq.br/4419602555285783>

Universidade Federal do Delta do Parnaíba, PI, Brasil

E-mail: juniorporto22@gmail.com

Murylo Gabriel Ferreira Barreto²

<https://orcid.org/0009-0007-5057-7923>

<https://lattes.cnpq.br/2618836531186701>

Universidade Federal do Delta do Parnaíba, PI, Brasil

E-mail: murylopsi@gmail.com

Adegilson Carvalho de Sousa³

<https://orcid.org/0009-0005-2433-224X>

<http://lattes.cnpq.br/3211355260513834>

Universidade Federal do Delta do Parnaíba, PI, Brasil

E-mail: adegilsoncarvalho16@gmail.com

Joelly Rodrigues de Oliveira⁴

<https://orcid.org/0009-0009-8969-8188>

<https://lattes.cnpq.br/8717659127539697>

Universidade Federal do Delta do Parnaíba, PI, Brasil

E-mail: joelly.ro@gmail.com

Maria Leynarah Sousa Paz⁵

<https://orcid.org/0009-0006-4315-3885>

<https://lattes.cnpq.br/3758818616992067>

Universidade Federal do Delta do Parnaíba, PI, Brasil

E-mail: Pazleyannah4@gmail.com

Ana Ruth de Sousa Santos⁶

<https://orcid.org/0009-0000-9622-5690>

<https://lattes.cnpq.br/3756271740028125>

Universidade Federal do Delta do Parnaíba, PI, Brasil

E-mail: psianaruth@gmail.com

Jamile Veras de Sousa⁷

<https://orcid.org/0009-0006-8267-1191>

<https://lattes.cnpq.br/9666580059579151>

Universidade Federal do Delta do Parnaíba, PI, Brasil

E-mail: jamilyveras.ps@gmail.com

Mariana Martins Rocha⁸

<https://orcid.org/0009-0005-1820-3847>

<https://lattes.cnpq.br/3565381146145910>

Universidade Federal do Delta do Parnaíba, PI, Brasil

E-mail: marianamartinsrocha5@gmail.com

Fabiana Cruz Soares⁹

<https://orcid.org/0000-0002-4073-8398>

<https://lattes.cnpq.br/2398854123430345>

Centro Universitário Maurício de Nassau, PI, Brasil

E-mail: fabicruzpsi@gmail.com



Resumo

Este estudo analisa os desafios da prática psicanalítica em um serviço-escola de psicologia, focando nas tensões entre a ética do inconsciente e os protocolos institucionais. O objetivo é relatar as experiências de discentes durante o estágio

¹ Graduado(a) em Psicologia e Mestrando em Psicologia pela Universidade Federal do Delta do Parnaíba.

² Graduado(a) em Psicologia e Mestrando em Psicologia pela Universidade Federal do Delta do Parnaíba.

³ Graduado(a) em Psicologia pela Universidade Federal do Delta do Parnaíba.

⁴ Graduado(a) em Psicologia e Mestranda em Psicologia pela Universidade Federal do Delta do Parnaíba.

⁵ Graduando(a) em Psicologia pela Universidade Federal do Delta do Parnaíba.

⁶ Graduando(a) em Psicologia pela Universidade Federal do Delta do Parnaíba.

⁷ Graduado(a) em Psicologia pela Universidade Federal do Delta do Parnaíba.

⁸ Graduando(a) em Psicologia pela Universidade Federal do Delta do Parnaíba.

⁹ Graduado(a) em Psicologia pela Universidade Estadual do Piauí. Mestre(a) em Saúde Coletiva pela Faculdade São Leopoldo Mandic

profissional, confrontados com as exigências de um modelo cientificista. A metodologia consiste em um estudo de caso qualitativo, baseado na observação direta e nos diários dos pesquisadores ao longo de três semestres. Os resultados evidenciam conflitos centrais, como a obrigatoriedade de redigir sínteses detalhadas dos atendimentos, que se opõe à recomendação freudiana da "atenção flutuante", e a imposição de um tempo de sessão fixo de 50 minutos, que contrasta com o "tempo lógico" do inconsciente proposto por Lacan. Aponta-se também a dificuldade no manejo transferencial com a coordenação da clínica, que por vezes interferia na condução dos casos. Conclui-se que, embora a graduação em psicologia forme psicólogos e não psicanalistas, o estágio, ao operar a partir do tripé de análise pessoal, supervisão e estudo teórico, funciona como um dispositivo de introdução à formação analítica, subvertendo a lógica institucional para transmitir a ética da psicanálise. A presença da psicanálise nesses espaços é defendida como uma continuação do desejo de Freud de oferecer uma clínica pública e acessível.

Palavras-chave: Psicanálise. Serviço-escola. Formação do psicólogo. Ética do inconsciente. Estágio Profissional.

Abstract

This study examines the challenges of psychoanalytic practice within a university psychology training clinic, focusing on the tensions between the ethics of the unconscious and institutional protocols. The aim is to report the experiences of undergraduate trainees during their professional practicum, confronted with the demands of a scientific model. The methodology consists of a qualitative case study, based on direct observation and researchers' field journals over the course of three semesters. The results highlight central conflicts, such as the requirement to produce detailed summaries of clinical sessions—which opposes Freud's recommendation of "evenly suspended attention"—and the imposition of a fixed 50-minute session length, which contrasts with the "logical time" of the unconscious proposed by Lacan. The study also points to difficulties in managing transference with the clinic's coordination, which at times interfered with case conduction. It concludes that, although undergraduate psychology programs aim to train psychologists rather than psychoanalysts, the practicum—structured around the tripod of personal analysis, supervision, and theoretical study—functions as a device of introduction to analytic formation, subverting institutional logic in order to transmit the ethics of psychoanalysis. The presence of psychoanalysis in such spaces is defended as a continuation of Freud's desire to provide a public and accessible clinic.

Keywords: Psychoanalysis. Training Clinic. Psychology Education. Ethics of the Unconscious. Professional internship.

1. Introdução

A estrutura curricular do curso de Psicologia no Brasil e em suas instituições autorizadas pelo Ministério da Educação - MEC, é regulamentada pela Lei de número 4.119, de 27 de agosto de 1962. A lei prevê que todo aluno que cursou e concluiu o curso será conferido o diploma de psicólogo, podendo assim atuar nas devidas funções privativas do psicólogo, como o diagnóstico psicológico e orientações. Sendo assim, salientamos que tanto a formação quanto a atuação do psicólogo é regulamentada por uma lei específica em todo território nacional. A mesma lei supracitada em seu Artigo 16 prevê que todo curso de psicologia "deverão organizar

Serviços Clínicos e de aplicação à educação e ao trabalho - orientados e dirigidos pelo Conselho dos Professores do curso - abertos ao público, gratuitos ou remunerados” (BRASIL, 1962). Sendo assim, a atuação no Serviço Escola de Psicologia faz parte direta e obrigatória nos cursos de psicologia no Brasil e na formação ética e profissional do futuro psicólogo(a).

A formação estrutural do curso de psicologia torna obrigatório as atividades do estágio profissional, seja ele feito pelo serviço escola da própria instituição ou nos serviços de saúde do município e escolares. Na universidade em que atuamos o curso se estrutura na ênfase clínica e em saúde coletiva em respectiva escolha particular de cada discente para a sua formação no estágio profissional. O mesmo se inicia a partir do oitavo período até seu décimo, sendo assim um ano e meio de formação. Segundo Pereira et al (2020, p. 217) “a Clínica-Escola é definida como espaço propício para a formação profissional e a solidificação das competências”. O estágio profissional marca o encontro da teoria com a prática, e também é o momento de escolhas de suas ênfases de suas abordagens.

No serviço escola em que atuamos existe a opção do discente atuar na clínica em diferentes abordagens, dentre as quais estão a: Teoria Cognitiva Comportamental, Humanista e a Psicanálise. A última se porta em uma encruzilhada dramática devido a sua própria estrutura de formação e a sua relação com a institucionalização curricular e regulamentação, a qual se torna oposta, visto que a mesma se pauta a partir de uma ética do inconsciente a qual se reserva a não ser uma estrutura científica positivista e regulamentada. A partir disso, como estudantes do estágio profissional que escolhem a abordagem da psicanálise na instituição atravessa o seu período de estágio profissional entre a dualidade estrutural e regulamentar que o serviço exige e a ética do inconsciente em que a psicanálise é regida?

Diante dessa dualidade em que os discentes se deparam que surge a importância deste relato de experiência, não só pela relação entre a psicanálise e as estruturas institucionais, mas da própria falta de estudos sobre a importância do serviço escola na formação de profissionais, como dos serviços prestados pelos discentes, docentes e técnicos para a comunidade e território. Pereira et al (2020, p. 215) relata que “há ainda uma carência de publicações sobre dados históricos e da prática nas Clínicas-Escola, podendo dificultar o aprimoramento das propostas, tal como o avanço na área”.

Dessa forma, este estudo visa observar as relações desafiadoras que alunos na abordagem da psicanálise enfrentam diante de um modelo protocolar de atendimento, muitas vezes distante da relação ética e transferencial que permeia o atendimento e a transmissão psicanalítica. Por isso, o objetivo deste trabalho é analisar e relatar as experiências e desafios vivenciados na atuação da psicanálise dentro de um serviço-escola de psicologia, no contexto de estágio profissional, considerando as tensões entre a ética do inconsciente e as exigências institucionais de cunho cientificista e positivista.

2. Metodologia

Este trabalho permeia a experiência de discentes que vivenciaram a experiência de estagiar no serviço escola de uma universidade federal. Por se tratar de uma estratégia metodológica que visa dialogar com a investigação e interpretação, este artigo tem como metodologia um estudo de caso de caráter qualitativo no campo da psicologia e sua formação, bem como utilizando da epistemologia da psicanálise para nortear conceitos problemas sobre a sua experiência e inquietação durante o período da pesquisa.

O estudo de caso, segundo Silvia, Oliveira e Silva (2021, p. 79) abre a “possibilidade de investigar e interpretar; o estudo de caso, pode contribuir de modo singular na compreensão das problemáticas relacionadas a indivíduos, grupos sociais, organizações”. Nesta pesquisa inteiramente o estudo de caso revela a importância de relatar diferentes e importantes perspectivas a contribuir para estudos sobre como a psicanálise pode atuar dentro do serviço escola seguindo a sua ética e avançando diante dos protocolos rígidos que as instituições inferem em seus programas. Muitos desses protocolos dificultam e produzem questionamentos sobre a regulamentação da psicanálise quanto à profissão, abordagem e matérias dentro da psicologia e até mesmo fora da mesma. Essa relação revela uma tentativa de dominação dos saberes da psicanálise que são norteados por um tripé fundamental de formação, sobretudo o respeito à ética do inconsciente.

Pela necessidade de expandir o diálogo metodológico, ético e crítico da psicanálise nas clínicas públicas, tirando-a deste lugar particular, e trazendo-a para o serviço escola como dispositivo de saúde para o território, a pesquisa qualitativa se torna fundamental na composição deste trabalho. Para Pereira e Coutinho (2023, p. 993) “o debate metodológico qualitativo tem acompanhado pesquisas em diversas áreas do conhecimento”; sendo assim colocada neste estudo como método de caráter exploratório. A pesquisa qualitativa exploratória “tem como objetivo principal o aprimoramento de ideias ou descobertas” (PEREIRA E COUTINHO, 2023, P. 993).

A pesquisa teve como objetivo metodológico uma revisão de literatura que permeia a atuação ética e profissional da formação psicanalítica nos cursos de graduação em psicologia. Com a revisão bibliográfica como elementar para a sustentação epistemológico, foi preciso entender as bases da estrutura analítica desde Freud à Lacan, bem como a história de atuação da psicanálise nas instituições de ensino superior e de dispositivos de saúde dos serviços escolas.

O trabalho se produz a partir da observação direta dos pesquisadores durante o período de um ano e meio que se deu o estágio profissional em uma universidade federal do Brasil. Essa observação vem acompanhada a partir dos diários que foram a base de fonte sobre a visão e questionamentos dos pesquisadores sobre o problema que versa a pesquisa. Com a análise dos diários foi estabelecido uma análise crítica da relação entre o ensino curricular previsto na estrutura do serviço escola para a formação de psicólogos diante da formação do analista que se difere em diferentes pontos sobre a análise desenvolvida no trabalho. Importante ressaltar que o trabalho não pretende relatar nenhuma atividade com os usuários do serviço atendidos pelos pesquisadores, o caráter interpretativo dos diários é exclusivo da formação..

3. Resultados

Foram três semestres durante o período de 2024.1 a 2025.2 o estágio profissional obrigatório dentro do serviço escola. O serviço escola da universidade federal conta com um corpo de dois técnicos, ambos psicólogos que auxiliam em diversas atividades os alunos e a própria coordenação da clínica. A estrutura da clínica conta ainda com uma auxiliar de serviços gerais, duas secretárias e um coordenador. A clínica dispõe de onze salas para atendimento individual, infantil e adulto, além de uma sala de grupos, sala de supervisão, sala de síntese e para atendimento psiquiátrico. O atendimento é feito por repasse de outros estudantes concludentes e por futuros pacientes através da triagem. A clínica além de ofertar serviço de psicoterapia longitudinal, conta com o plantão psicológico, este apenas para alunos que ingressam na abordagem humanista. Existem três tipos de abordagens na clínica atualmente: a humanista, a teoria cognitiva comportamental e a psicanalista. Os

alunos precisam escolher em qual dessas três abordagens no período de matrícula, e serão acompanhados pelo professor(a) responsável por todo período de estágio.

A grade curricular dos estagiários conta não só os atendimentos, os mesmos precisam participar da matéria de Seminário de Prática, em todos os períodos vigentes, ou seja, nos três períodos de estágio profissional. A matéria de estágio de prática é fundamental pois é neste momento em que os estudantes se aprofundaram nas teorias de suas respectivas abordagens. A matéria ocorre semanalmente e conta com estudos e seminários recorrentes sobre um determinado assunto. No estágio de psicanálise o professor resolveu dividir em três módulos, o primeiro sobre a base da psicanálise com estudos sobre atendimento, função do analista, ética da psicanálise, a psicanálise leiga, a psicanálise nas instituições e as estruturas psíquicas com o foco na neurose. O segundo módulo que foi dado no segundo período do estágio foi sobre a estrutura psicótica e o atendimento com pessoas psicóticas dentro do serviço escola a partir da perspectiva lacaniana. No terceiro e último período de estágio o módulo era sobre saúde mental, principalmente do que se propõe a psicanálise nos atendimentos dos dispositivos de saúde, como Centro de Atendimento Psicossocial (CAPS), clínicas públicas e serviço escola de universidades.

Outra importante matéria é a de supervisão, ministrada com o mesmo professor responsável pelo nosso estágio e abordagem. As supervisões eram de suma importância para tirarmos dúvidas dos nossos atendimentos e da nossa condução quanto analistas e analisandos. Um dos tripés da psicanálise se dá pela: análise pessoal (solicitada pelo professor responsável), supervisão e estudos constantes das obras de Freud, Lacan e contemporâneos da psicanálise. Ou seja, nestes três períodos estávamos dentro do tripé exigido para a formação em psicanálise. Lembrando que o estágio e a formação nos forma em psicólogos, a formação em analistas é contínua. O professor da disciplina costumava dizer que iniciamos a nossa jornada, e saímos da graduação em psicologia como analistas em formação. A supervisão era um momento de entender o que estudávamos em seminário e individualmente a cada caso e suas particularidades, junto a uma relação do que o conteúdo inconsciente apresentava na supervisão. É um período de aprendizado importante.

A outra função estabelecida para todos os estudantes em estágio profissional na clínica era cumprir a regra de cada atendimento feito é preciso escrever uma síntese sobre o mesmo. A síntese é anexada a cada ficha individualizada de cada paciente na pasta de cada estagiário, separada por cada professor responsável. Além da síntese existe a ficha de evolução de cada atendimento, marcando a data e a sua quantidade. Um dos entraves entre a formação da psicanálise com o serviço escola está ligado à própria síntese. Nos atendimentos em psicanálise pouco se escreve sobre o atendimento, apenas significantes, ou seja, palavras, que saltaram na sessão. No texto *Recomendações Ao Médico Que Pratica A Psicanálise* de 1912, Freud diz sobre a relação com as anotações.

Não posso recomendar que se tomem muitas notas durante as sessões, que se redijam atas etc. Além da impressão desfavorável que isso causa em alguns pacientes, valem aqui as mesmas considerações que tecemos a respeito da atenção. Ao redigir notas ou estenografar, fazemos forçosamente uma seleção prejudicial do que ouvimos e ocupamos uma parte de nossa atividade mental, que teria melhor emprego se aplicada na interpretação do material. Pode-se admitir exceções a essa regra, sem qualquer objeção, no caso de datas, textos de sonhos ou conclusões isoladas dignas de nota, que facilmente são destacados do contexto e se prestam a um uso independente como exemplos. Mas também isso não costumo fazer. Redijo

os exemplos à noite, de memória, após o trabalho; os textos de sonhos que me interessam, faço os pacientes registrarem após o relato do sonho. (FREUD, 2010, P. 151-152).

É certo que o protocolo de síntese foi respeitado por todos os estagiários, mas era preciso fazer um esforço sobre o que escrever e como escrever. A nossa recomendação era sempre situar o que acontecia de fato nas sessões para que futuros estagiários ao lerem os prontuários pudessem se situar. A diferença nossa é que os prontuários antigos não faziam importância, o sujeito iria recontar de novo a sua história, e possivelmente diferente do que foi escrito por um outro colega. A questão primordial é prezar para que as recomendações de Freud (2010) em seu célebre texto sobre a técnica analítica se propaguem, que é a atenção flutuante do analista, a associação livre do paciente e que o inconsciente e seus conteúdos saltem para que tanto analista quanto analisando façam o trabalho de análise.

O tempo de atendimento também é outro importante elemento dentro das dificuldades da clínica. O espaço clínico tem uma grande demanda de atendimento diário, os atendimentos são feitos em três turnos, manhã, tarde e uma parte da noite. Ou seja, o serviço funciona das oito da manhã às oito da noite de segunda à sexta-feira. O número de salas muitas vezes não comporta o fluxo de atendimentos, visto que além dos atendimentos longitudinais existe o plantão. Apenas três salas para adultos e jovens tem o dispositivo do divã disponível, ou seja, são duas turmas da psicanálise, com dois professores diferentes, ocupando essas salas e precisando utilizar estes dispositivos.

O tempo estabelecido pela clínica é de 50 minutos de atendimento por paciente. Na psicanálise aprendemos que o tempo de nossa sessão não é um tempo cronológico, ele segue o tempo do inconsciente, um tempo lógico do próprio fazer analítico entre analisando e analista. Como observado por Vernizi e Lustosa (2024, p. 2) sobre o tempo lógico, termo estabelecido por Lacan onde compreendemos que “a sessão de tempo variável, ou seja, uma prática em que a duração da sessão não é um intervalo de tempo fixo e o momento de encerrar uma sessão não é governado pelo relógio.”. As sessões para Lacan segundo Vernizi e Lustosa (2024) variava, podendo ser mais rápida do que o normal, como mais demorada que o normal, o que o tempo lógico lacaniano nos direciona a própria ética do tratamento que cada analista irá conceber com seu analisando. Freud (2010, p. 129) em seu texto de 1913 intitulado Sobre o início do tratamento, já citava o tempo como objeto importante no tratamento, o autor tinha uma estipulação de uma hora para cada paciente, mas trazendo seu escrito onde ele diz que “a duração do tratamento é quase impossível de responder”, nos mostra que o tempo de cada sessão não é o do relógio e sim da lógica do inconsciente.

Levando em consideração o respeito aos colegas, a nossa recomendação era sempre tomar o cuidado em marcar um horário com nossos pacientes em que nenhum outro colega fosse utilizar ou tivesse marcado uma sessão após o nosso horário. Isso era importante pois era nítido que conteúdos importantes saltavam nunca em uma ordem, era desconexo, como uma balança que abre e fecha o tempo todo. Outro importante estabelecimento para a conquista dessa relação era o manejo transferencial que os estagiários tinham de fazer com a própria coordenação da clínica, bem como, com a própria equipe de apoio. Muitos pacientes atendidos são repasses, alguns já estão há anos na clínica, conhecendo o espaço melhor do que os estagiários. Entender essa relação transferencial e saber manejar é importante, ainda mais quando a ética da psicanálise se opõe a um modelo quase que tutelar que a clínica se propõe aos pacientes. Muitas vezes a coordenação interferia nos

atendimentos e na própria condução do tratamento quando se tratava de temas específicos como suicídio ou mudança para um outro estagiário. Por isso o uso da transferência é um recurso que foi preciso ser utilizado neste espaço como elemento importante para a fazer analítico durante todo o período de estágio, quem sabe sendo um dos maiores ensinamentos.

4. Discussão

A psicanálise não é uma matéria e/ou uma profissão regulamentada como a psicologia. Essa dualidade nos fez pensar, então quando sairmos do estágio profissional o que seremos? A resposta é clara, psicólogos. O curso de psicologia não forma psicanalistas e sim psicólogos. A formação psicanalítica não se dá por um curso regulamentado, ou por uma pós-graduação, muito menos apenas psicólogos podem ser psicanalistas. A psicanálise não se pedagogiza, ela é transmitida, o embate de regulamentar a psicanálise tem um histórico de embate no Brasil e no mundo, e claro nas próprias instituições. Salles e Coimbra (2006, p. 18) nos lembra que “a questão sobre o controle da prática analítica é antiga” e no Brasil inúmeros projetos para regulamentá-la passaram pelo congresso, todos sem sucesso graças aos esforços dos analistas.

Mas afinal, como se forma um analista? Primeiro de tudo Freud em 1926 em seu texto *A questão da análise leiga*, nos diz que a formação do analista não passa pelos mesmos ritos do que a formação médica. Sendo assim, Freud deixa claro que a “sua intenção é mostrar a necessidade de uma qualificação específica para se tornar psicanalista, seja o candidato médico ou não” (SALLES E COIMBRA, 2006, P.18). Com isso no estágio nos deparamos com um outro saber, o que estaríamos fazendo ali não era psicologia, apesar que ao final do estágio obrigatório nos tornaríamos psicólogos, mas o que acontecia ali era a transmissão do saber psicanalítico, subversivo como muitas vezes teve de ser. Estávamos iniciando dentro de uma graduação em psicologia uma outra formação, o que de início não foi fácil de assimilar e de abdicar muitos preceitos da psicologia.

Passamos a ocupar um papel de suposto saber do inconsciente, e uma ética transmitida desde Freud a qual se baseia em um tripé, mas como fomos informados pelo nosso supervisor o que corrobora com o que Salles e Coimbra (2006, p. 18) é que “a condição para exercer a psicanálise é a análise pessoal.”. Sendo assim, um dos primeiros movimentos dentro da nossa formação foi estabelecer a nossa análise pessoal. Freud (2014, p. 148) é categórico em dizer que “quem passou por essa aprendizagem foi ele próprio analisado”. A função da própria análise é transformar analisados em analistas. Por isso Freud (2014, p. 166) insiste na análise como o tripé primordial na formação de um analista, e não uma profissão em si como a de médico ou psicólogo, ele nos diz que “a análise que todos os candidatos de instituto psicanalítico têm de fazer é, ao mesmo tempo, a melhor maneira de obter informação sobre a aptidão pessoal para o exercício dessa exigente atividade.”. Portanto a psicanálise para Freud não poderia ser institucionalizada, tampouco regulamentada por uma matéria ou uma profissão.

Não nos parece desejável, de forma nenhuma, que a psicanálise seja engolida pela medicina e venha a ter sua morada definitiva nos manuais de psiquiatria, na seção sobre terapias, ao lado de procedimentos como sugestão hipnótica, autossugestão e persuasão, que, gerados por nosso pouco saber, devem seus efêmeros efeitos à inércia e covardia da massa humana. Ela merece destino melhor, e temos esperança de que o terá. Na condição de “psicologia profunda”, de teoria do inconsciente psíquico, ela pode se tornar imprescindível para todos os saberes que

se ocupam da gênese da cultura humana e de suas grandes instituições, como arte, religião e organização social. (FREUD, 2014, P. 170).

A não existência de uma formação institucionalizada não impediu que surgisse ao longo do tempo e na própria época e Freud, institutos de psicanálise que se comprometeram com a transmissão de sua ética e contribuíam para a formação do analista diante de um tripé que consiste na “análise pessoal, estudo teórico dos textos e supervisão clínica. Esse tripé é adotado por todas as sociedades psicanalíticas encarregadas da transmissão da psicanálise”. Estávamos então já iniciando a nossa formação, com a nossa análise pessoal, a supervisão semanal com nosso orientador e os estudos teóricos na matéria de seminário. Neste sentido atribuímos que a própria instituição vem sendo hackeada pelos psicanalistas resistentes ao sistema da legalidade e continuando a transmissão de Freud, utilizando dos recursos possíveis oferecidos no curso de psicologia para iniciar futuros psicanalistas.

É de suma importância defender a não regulamentação da psicanálise dentro dos termos institucionais, seja no Brasil ou no mundo, visto que a transmissão para a formação do analista não se ensina em matérias teóricas, e sim na própria análise pessoal. Essa postura também se dá em defendermos assim como Freud defendeu Theodor Reik, não médico e praticante da psicanálise, em que a mesma não é de propriedade da medicina e nem da psicologia. Freud (2014, p. 174) nos direciona a entendermos que “o que importa não é se o analista possui ou não um diploma de medicina, mas se adquiriu a formação especial que o exercício da análise requer”. Freud (2014) também discute qual a melhor formação para um psicanalista, e ele alerta que não é unicamente o que a universidade institui. O que aprendemos durante nosso estágio profissional nos coloca em um lugar de não saber, de que existe um sujeito do inconsciente, e que a psicanálise tece caminhos próprios, diferentes e subversivos as instituições, mesmo que estejamos dentro das mesmas.

5. Considerações Finais

Freud sempre defendeu que a psicanálise não fosse de exclusividade a uma profissão ou um curso regulamentado, porém sempre foi um entusiasta de uma psicanálise pública e de alcance para todos que a procurassem. Existe uma imagem de que a análise é única e exclusiva dos consultórios particulares, mas o estabelecimento de atendimento na abordagem da psicanálise nos serviços escola de psicologia institui o que Freud defendia.

Os professores que se empenham na transmissão da psicanálise nos dispositivos universitários empreendem não uma legalidade ou uma matéria, mas sim a continuidade da ética psicanalítica. Lima (2019, p. 296) nos lembra que em 1918 marca a data em que Freud propõe as clínicas públicas de psicanálise. O desejo de Freud em criar clínicas públicas reflete a nossa atuação na própria clínica escola de psicologia, não seria diferente da estratégia do mesmo em expandir sua criação.

A partir do ensejo de criar clínicas públicas e ambulatorios que a psicanálise chega às universidades, como o exemplo de Berlim, em que “a supervisão enquanto dispositivo de formação psicanalítica de analistas foi formalizada enquanto tal na experiência berlinense da Policlínica” (LIMA, 2019, P. 299). Ou seja, a experiência da policlínica de Berlim abre espaço para a atuação da psicanálise nas clínicas escola das universidades.

O que Lima (2019, p. 300) nos mostra que a experiência das clínicas públicas em especial Berlim, Viena e Budapeste, transformou de “20 analistas dos anos 10 viessem a ser mais de 500 no fim dos anos 30, promovendo, divulgando e expandido o freudismo”. Não se difere mesmo com as dificuldades enfrentadas nas

universidades e em seus serviços escola como dispositivos, não de formação de psicanalistas, mas de introdução a sua formação.

Destarte, a experiência na abordagem da psicanálise em um serviço escola de psicologia, em uma universidade federal e pública, proporciona a interação possível de se dialogar em diferentes estruturas, ao tempo em que a ética do inconsciente seja a orientação possível entre os estagiários de tal abordagem. O trabalho sugere que existam maiores interações a respeito de outras experiências com a abordagem da psicanálise em clínicas escolas, para que se possa formar uma discussão mais abrangente e dialógica sobre a formação de psicólogos e futuros psicanalistas.

Referências

BRASIL. Lei nº 4.119, de 27 de agosto de 1962. Dispõe sobre os cursos de formação em Psicologia e regulamenta a profissão de Psicólogo. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 05 set. 1962.

COUTINHO, Diogenes José Gusmão. Pesquisa qualitativa na área da educação. Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciência e Educação, São Paulo, v.9.n.03. mar. 2023. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/8803/3493>. Acesso em: 21 de julho de 2025.

FREUD, Sigmund. *Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia ("O caso Schreber")*, artigos sobre técnica e outros textos (1911-1913). São Paulo: Companhia das Letras, 2010. (Obras completas, v. 10).

FREUD, Sigmund. As obras completas, volume 17: Inibição, sintoma e angústia, o futuro de uma ilusão e outros textos (1926-1929). São Paulo: Companhia das Letras, 2014. (Obras completas, v. 17).

LIMA, Rafael Alves. Clínicas públicas nos primórdios da psicanálise: uma introdução. Teoría y Crítica de la Psicología 12(2019), p. 292-314. Disponível em: <http://www.teocripsi.com/ojs/>. Acesso em: 16 de julho de 2025.

PEREIRA, Mara Dantas. PEREIRA, Míria Dantas. NUNES, Andrea Karla Ferreira. A importância da implementação das clínicas-escola de psicologia pelas universidades: uma revisão de literatura. Ciência Humanas e Sociais, Aracaju, v.6, n.2, p. 213-224. Setembro de 2020. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/cadernohumanas/article/view/9013/4169>. Acesso em: 12 de julho de 2025.

SALLES, Ana Cristina Teixeira da Costa; COIMBRA, Maria Lúcia Salvo. A análise leiga e a ética da psicanálise. Reverso, Belo Horizonte, v. 28, n. 53, p. 17-21, set. 2006. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-73952006000100003&lng=pt&nrm=iso. Acessos em: 16 julho de 2025.

SILVA, Glênio Oliveira da. OLIVEIRA, Guilherme Saramago de. SILVA, Michele Maria da. Estudo de caso único: uma estratégia de pesquisa. Revista Prisma, Rio de Janeiro, v.2, n.1, p. 78-90, 2021.

VERNIZI, Rosangela. LUSTOZA, Rosane Zétola. O tempo lógico lacaniano como agente transformativo na clínica psicanalítica. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, v. 27, 2024. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/agora/a/994S7PgBGPrtVtPcqYZb5dd/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 14 de julho de 2024.